

XVII SIMPÓSIO NACIONAL DA ABHR

II SIMPÓSIO NACIONAL DE ESTUDOS DA RELIGIÃO DA UEG

ÉTICAS E RELIGIÕES EM TEMPOS DE CRISE - NOV. 2021



OS MITOS AFRICANOS NA EXPERIÊNCIA DE UM GRIOT: a Utilização da Mitologia Iorubana na Prática Educacional.

KEYDSON EMANUEL GARCIA COSTA¹

UM BREVE HISTÓRICO PESSOAL.

Desde a graduação, uma nova forma de ver e interpretar a realidade veio se desenhando no horizonte da minha vida, a graduação foi então o início de um novo ciclo que deu partida para vários incícios em minha jornada existencial, esses incícios começaram então dentro da construção do meu olhar acadêmico, onde se formam os primeiros sentidos científicos em tudo aquilo que ultrapassa o ritual de iniciação que faz com que um indivíduo passe a crer que ele é responsável pelo que diz e pensa sobre a realidade, refletindo sua percepção do todo nacional, e que por ingressar no espaço acadêmico temos agora que responder aos anseios sociais, dar resposta à sociedade pela oportunidade de estar em um ambiente ainda tido para privilegiados, haja vista que só uma pequena parcela da nossa sociedade tem direito de acessar o ensino superior: somente cerca de 18% (dezoito por cento) da população teve acesso ao ensino superior no ano de 2020 (MEC, 2020).

A pessoa que ingressava na universidade, falo no passado, pois esse é um olhar sobre a época, possuía uma maneira de ver e interpretar o mundo. Um rapaz de 17 anos que ainda sem entender direito como havia passado pelas provas de proficiência que identificavam, ou pelo menos fazem parecer isso, os aptos a ingressar na universidade. Com apenas 17 anos, com uma formação cristã profunda, instruída por uma instituição Protestante pentecostal, dentro de uma realidade sócio-econômica de vulnerabilidade e poucos recursos, criado por uma família de imigrantes nordestinos oriundos dos estados da Bahia e do Maranhão, esse era, como até hoje o é, um cenário muito comum

1 - Professor da disciplina Ensino religioso na rede estadual de ensino no estado do Pará (SEDUC). Contador de histórias a 20 anos. Graduado e mestrando em Ciências da Religião pela Universidade Estadual do Pará (UEPA). Arte educador.
E-mail: keydsonemanuel@gmail.com

que define os jovens de periferia não só da região metropolitana da capital paraense, mas é também a realidade de muitos jovens residentes nas periferias pelo país a fora.

Quando escolhi entrar na universidade, e pra minha própria surpresa consegui esse feito, foi algo realizado completamente “às cegas” e sem orientações das pessoas próximas, tendo em vista que nenhum dos próximos a mim havia vivido essa experiência, e o pouco que sabiam era de ouvir falar de outras pessoas que conheciam pessoas que, na linguagem popular, “faziam uma universidade”. Toda essa realidade era mediada pelo medo de negar a única verdade tida como superior e inquestionável; orientadora de tudo por ali: a fé cristã. Uma fé regida por uma vida de trabalho na igreja para garantir a certeza de uma vida digna na terra, pelo menos moralmente reconhecida, e uma vida de salvação no céu, promessa direcionada pela maneira de ver e interpretar o texto bíblico, pela fé no Deus Cristão.

Este jovem, eu, superando as expectativas de muitos e as dele mesmo, consegue ser avaliado positivamente e garante uma vaga no ensino superior, dentro de uma universidade pública, Universidade do Estado do Pará (UEPA), num curso que na cabeça dele, seria um ambiente para reforçar sua fé, curso de Ciências da Religião, suas verdades aprendidas ao longo de sua trajetória de vida. Como toda realidade é dinâmica e os diversos eventos vivenciados geram aprendizados novos no decorrer do tempo, tive o prazer e a oportunidade de, dentro do curso de Ciências da Religião, fundamentar meu olhar sob uma perspectiva mais plural da realidade, principalmente no que se refere ao campo religioso e as diversas cosmovisões orientadoras das diversas manifestações religiosas presentes no mundo.

UMA NOVA PERSPECTIVA PROFISSIONAL.

Diante do exposto, minha proposta de trabalho é entender como a construção de um jovem de periferia, com uma formação cristã pentecostal, começa a ver o mundo a partir de um olhar acadêmico que vai se refletir em sua prática de contador de histórias. Prática esta também aprendida durante a graduação, durante minha participação num projeto de extensão orientado pela Professora Dra. Renilda Bastos e, no final de sua trajetória acadêmica inicial, conclui esse ciclo com um trabalho que

propõe à prática docente a recorrer aos mitos africanos dos povos Iorubás como recurso didático para aplicabilidade da Lei 10.639/03 dentro da sala de aula.

O presente trabalho tem como intenção apresentar a caminhada de um indivíduo que se inicia em um modelo social comum ao jovem brasileiro de periferia, membro de igreja pentecostal e segue durante sua formação acadêmica que o aproxima de um saber presente nos mitos vivenciados dentro da tradição oral dos praticantes do candomblé Ketu no Brasil. Esses mitos passam a orientar sua prática profissional como contador de histórias para além de sua formação acadêmica e constroem uma personalidade cultural, social e política nesse indivíduo que passa a utilizar esses conhecimentos na desconstrução do racismo social e religioso presente nas estruturas sociais brasileiras.

A partir de minha formação passo a atuar como educador da rede estadual de ensino dentro da disciplina de ensino religioso; enfrento muitos desafios na aplicabilidade de conteúdos ligados às religiões de matriz africana; passo a aplicar minha metodologia da utilização dos mitos Iorubanos para tentar enfrentar as dificuldades encontradas diante de um público que promove a segregação religiosa e consecutivamente racial, pois suas resistências aconteciam predominantemente frente às mitologias e saberes oriundos dos negros brasileiros. Minhas contações de histórias, o acesso a cosmogonia e as orientações sobre mundo presente nos mitos, foram tornando mais lúdica e interessante minhas aulas, o que facilitava a desconstrução do olhar racista sobre a ideia de sagrado presente nos cultos afro.

No ano de 2016 comecei a sair do meu espaço de sala de aula e comecei a levar minha metodologia a espaços de formação, até outros profissionais e pessoas que veem muita dificuldade em trabalhar conteúdos que valorizam a ancestralidade africana do povo brasileiro. É sobre minha história pessoal e profissional que pretendo discorrer na construção desse artigo, mostrando algumas perspectivas construídas durante minha trajetória ao trabalhar dentro da área educacional o universo simbólico das religiões de matriz africana, versando a transversalidade que lhe cabe, bem como levando em consideração os múltiplos saberes que compreendem o entendimento a respeito do tema.

PROPOSTA DE EDUCAÇÃO ANTIRACISTA A PARTIR DAS CIÊNCIAS DA RELIGIÃO ATRAVÉS DOS MITOS DOS ORIXÁS.

Todo educador brasileiro tem por obrigação orientar seus alunos para uma compreensão de mundo que oriente seu olhar a pluralidade e a diversidade cultural e, portanto, religiosa presente em nossa sociedade, fruto dessa construção étnica tão diversa, miscigenada, louvada por diversos teóricos nacionais, difundida dentro e fora do país (Freire, 2006, p.22). O direcionamento é claro, o desafio para muitos é fazê-lo, afinal muitos profissionais da educação e de outras áreas não sabem como acessar esses conteúdos capazes de dialogar com nossas diversidades, principalmente a parte da diversidade que é tão estigmatizada e demonizada como as oriundas da religiosidade negra nacional.

O desafio para muitos está em estabelecer quais conteúdos dialogam de fato com as referências étnicas nacionais. Dúvidas muito comuns encontradas por mim ao longo do meu trabalho são: Esse conteúdo está adequado as suas referências étnicas? Depois de reconhecer o valor dos conteúdos, como trabalhar esses conteúdos? O que esses conteúdos falam para o meu entendimento e para o meu público? Posso acessar esses conteúdos sem violar o direito do outro? Eu, como pessoa branca ou não religiosa dessa fé, posso tratar desses conteúdos? Ao trabalhar os conteúdos de referência negra quais potencialidades educacionais e intelectuais eu posso acessar? Falar da religiosidade construída pelos negros brasileiros não aumenta o preconceito (racismo) entre as pessoas?

São muitas as dúvidas encontradas dentro da nossa sociedade, mas é entre os educadores que essa discrepância entre a formação e a falta de enfoque nas referências negras se faz mais latente, haja vista que o mesmo é cobrado na prática docente: a habilidade de dar perspectiva para os alunos sobre multiplicidade de origens étnicas que formam nossa nação. Diante desse quadro de indagações diversas, das quais eu apresento uma pequena amostra, fui levado a conciliar a minha prática de educador, aquele que aplica conteúdos e responde ao projeto educacional presente no Documento curricular do Estado do Pará que reflete (2018) orientado pela BNCC (Base Nacional Comum Curricular-2017), com a minha prática de contador de Histórias, desenvolvida no grupo Griot, na busca de construir entre meus alunos, olhares menos

direcionados pelo medo, fruto da demonização cristã, sobre as religiões afrodescendentes.

Posso então afirmar que é possível um indivíduo de origem judaico-cristã, construída dentro de uma igreja protestante brasileira, que passou pela academia e se entende como contador de história, promover ações que facilitam uma leitura de mundo menos favorável ao racismo e os múltiplos preconceitos raciais e religiosos presente no seio da sociedade brasileira. O racismo tolhe, amarra, imobiliza, pois o outro é visto de maneira tão inferior que parece errado, aos olhos de quem vai se aproximar daquele que é alvo dessa perspectiva (senso comum). Minha proposta de trabalho é introduzir o dialogo referente à qualidade da utilização da mitologia dos Orixás presente na prática do candomblé Ketu como um instrumento importante de construção intelectual e social capaz de mostrar para os mais afastados desse conteúdo, que são a maior parte da população nacional, já que se declaram cristãos, mostrar de maneira lúdica que a versão demonizada não é negra, mas branca e ocidental. Toda essa perspectiva orientada pela leitura proporcionada pelas Ciências da Religião

Se de fato existe um problema real na busca por conteúdos referenciados na cultura negra africana e afro-brasileira, seguido pela limitação do entendimento desses conteúdos, a aplicabilidade dessas informações fica a deriva no mar de dúvidas que os rodeiam, logo, chego à conclusão de que apresentar minha experiência prática na execução desses conteúdos tem um papel fundamental, por sua proposição e perspectiva na orientação de pessoas interessadas em qualificar seus discursos com uma proposta prática que pode gerar resultados positivos no desvelar de parte da ancestralidade negra Brasileira , sob a ótica conceitual formulada por um profissional da área do ensino religioso.

Fundamentação teórica.

A base teórica se orienta pela análise feita pelo psicanalista e pensador das relações raciais, o martinicano Frantz Fanon (Fanon,2008,p.33), que se reflete na estrutura ocidental de países europeus e europeizados, nos orientando na percepção do entendimento sobre a ideia do desvio existencial implementado sobre a identidade

da pessoa negra dentro da construção do imaginário embranquecido da sociedade pós-colonialista e escravagistas, na qual o indivíduo negro tem todas estruturas sociais, psicológicas e econômicas readequadas a nova perspectiva apresentada, que não se aproxima da dignidade devida as origens simbólicas desses homens e mulheres arrancados de seu local de origem, e que buscam sobreviver nessa nova realidade. A leitura proposta por Fanon nos mostra um horizonte a respeito dos dilemas enfrentados pelo povo negro na construção de sua identidade a partir dos desafios e consequências do pós-colonialíssimo que se estende até os dias atuais.

Fanon (Fanon,2008, p. 83), ao fazer o que ele chama de “socio diagnóstico” revela que o apagamento da identidade do ser negro está na desvalorização dos símbolos referidos aos povos de origem africana, e que ao serem ressignificados, leia-se menosprezados, não dão alternativa a pessoa negra a não ser buscar se parecer e se orientar pela maneira de ser e interpretar o mundo do seu opressor, a “branquitude”, ele diz: “Todo povo colonizado — isto é, todo povo no seio do qual nasceu um complexo de inferioridade devido ao sepultamento de sua originalidade cultural — toma posição diante da linguagem da nação civilizadora, isto é, da cultura metropolitana”. Segundo o martinicano, dar notoriedade e valor a maneira construída pelos povos negros em sua origem leva o homem e a mulher negra a valorizar sua humanidade, sua alma negra, a se reconhecer mundo de maneira positiva.

Stuart Hall (Hall,2006, p. 22) em seu conceito de identidade faz alusão ao conjunto de entendimento que uma pessoa ou um grupo constrói sobre si e apresenta a sua comunidade. Trata-se de uma narrativa construída a partir do presente e dos dilemas apresentados pelo mesmo. Este autor concebe as identidades como não unificadas e “constantemente em processo de mudança e transformação” (Hall,2008, p. 108). Ela será útil à medida que permite compreender como os descendentes de africano negam a sua ancestralidade étnica, e reconstróem o autorreconhecimento dentro da nova realidade na qual estão inseridos.

Meu trabalho como contador de histórias e professor de ensino religioso visa, através da utilização dos mitos iorubanos, valoriza ainda mais a linguagem oriunda dos povos tradicionais, uma linguagem que revela uma visão de mundo própria, saberes não reconhecidos ou invisibilizados pela cultura ocidental. Os mitos nos devolvem uma

linguagem que é negra, onde todos os arquétipos presentes são negros, onde a visão de mundo reflete a memória da cultura africana herdada da diáspora negra. Utilizar os mitos é dar um novo olhar a oralidade na qual eles foram construídos; é estabelecer diálogos sobre a diversidade cultural e, portanto, religiosa de ver e interpretar o mundo.

Os mitos dos orixás são então, uma linguagem capaz de favorecer o olhar da pessoa negra sobre si através de uma linguagem possibilitadora de emancipar o indivíduo dos racismos existentes na estrutura social ocidental, através de práticas veladas ou não, presentes em nossa sociedade.

Por diversas vezes pude ver, em momentos em que o tema era apresentado através das contações ou atividades de diálogo com a comunidade em ambiente escolar, manifestações nitidamente contrárias as reflexões direcionadas a esses conteúdos; repetidamente a versão impositiva de uma cultura sobre a outra foi acionada, a revelia da lei brasileira que garante na constituição o direito a igualdade de culto, em seu artigo 5º no inciso VI. O racismo religioso se configura quando outras manifestações religiosas não são respeitadas, quando os cultos de matriz africana são demonizados e agredidos por pessoas que se retiram dos espaços ou dizem não ter valor seus saberes, buscando por vezes impedir que tais conteúdos sejam trabalhados pelos docentes, ao afirmarem que a simples referência a eles fere a fé Cristã, como se por algum motivo, a idealizada superioridade cristã, por parte dessas pessoas, estivesse respaldada em algum preceito legal.

Minha proposta é feita em primeira pessoa, porque discorre sobre a minha prática pessoal, esse artigo é o início de uma série de reflexões que farei sobre as vivências que tive e me possibilitaram chegar à maneira de ver e dialogar com saberes que me foram negados pela minha formação cristã, eu, como muitos dos que terão acesso a esse trabalho, tiveram uma construção orientada por uma interpretação das religiões de matriz africana, quase que impossível de ser acessados, e qual o motivo de tal afirmação? muito simples!, quem quer se aproximar de algo que é considerado do mal, que remete a ideia do demônio?. Faço, então, o que a antropologia chama de autobiografia, para mostrar como pessoas cristãs, que assim como eu tiveram uma construção social com princípios judaico-cristão, podem e devem se aproximar saberes

africanos para lapidar o olhar sobre si, haja vista que a imagem do homem e da mulher negra presente nesses textos favorece o engrandecimento da memória do povo negro, através de uma infinidade de perspectivas distintas; dessa forma, a minha fé não é atacada por não estar em desacordo aos princípios religiosos que sigo e por trazer conhecimentos positivos de diversas matrizes, muitos inclusive reforçam práticas herdadas que por vezes, que se não estudasse o tema, nem saberia que estão fundamentadas em práticas de origem africana.

O indispensável, na minha opinião, é apresentar àqueles que buscam conhecer tal mitologia a infinidade de referências valorativas das divindades negras, dentro de uma sociedade que valoriza tanto personagens com poderes sobre humanos num universo referencial que transita entre diferentes culturas globais e que por refletir o racismo estrutural ocidental dá pouco ou quase nenhum espaço para que as simbologias negras sejam representadas. E por que afirmamos categoricamente que se trata de racismo? tal afirmação está orientada pelo fato de que arquétipos divinos de muitas culturas são super valorizados, como é o caso da cultura nórdica, grega e romana, ao passo que a cultura africana que se referencia num universo simbólico muito maior, por se tratar de um continente com 54 países, logo ter representações que podem ser conferidas nos dedos de uma mão, fica à margem.

Minha experiência então será repassada através da ideia de que a autobiografia (Verena, 1991, p.66) vem favorecer a escrita do trabalho, vem dar voz à história pessoal, fundamentando a leitura sobre o tema a partir da vivência de quem escreve. Essa leitura busca abrir diálogo com o público, facilitando assim a assimilação de seus discursos e conceitos. Todo trabalho está enraizado na realidade vivida por quem acredita estar agindo com a finalidade de levar conteúdos de qualidade, pautados na ciência das religiões, que auxiliam a construção de formas de perceber a realidade e educar, dando voz aos saberes construídos pela ancestralidade negra, os quais foram inferiorizados e discriminados pelo racismo presente em nossa sociedade. A voz de quem fala é a voz de quem vive a busca de uma atuação profissional que precisa ser propagada para ajudar outros profissionais em suas experiências.

Os textos da base religiosa do Candomblé Ketu (Verger, 1997, p. 05) são usados para referenciar os saberes mitológicos vivenciados até os dias atuais e podem orientar

a uma maneira própria de ver e interpretar o mundo (Sodré, 2017, p.170), revelando saberes construídos por práticas vivas na religiosidade brasileira (Prandi, 2005, p. 101) e que podem e devem ser aplicadas na prática educacional com a intenção de superar o racismo brasileiro (Costa, 2009, p.61).

Falar da prática educacional como algo extremamente importante na construção do olhar do indivíduo sobre si (Freire, 1987; Lima, 2015). As ciências da religião, no que diz respeito à sua proposta educacional, na fala de João Décio Passos em sua obra “ENSINO RELIGIOSO: construção de uma proposta” de 2007 (Passos, 2007, p.98) diz assim:

“A escola que ensina a ler o mundo, ensina, ao mesmo tempo, a atuar nele de maneira responsável e competente, sem o que a cidadania truncada e incompleta (...). a cidadania oferecida pela educação será verdadeira na medida de sua autonomia crítica e criativa, para fazer e refazer a sociedade. O profissional cidadão não é um mero executor técnico de padrões pré-estabelecidos pelo mercado, mas um sujeito capaz de agir em sociedade com consciência de si e do mundo e de sua missão enquanto parte de um todo”.

É preciso ir além, mostrar para o educando que a história do povo negro está para além do colonialismo europeu e muito além da diáspora negra vivenciada nesse período. A pessoa negra não descende de escravos, de mão de obra dócil que se rendia a opressão branca, mas de povos que contribuíram e contribuem para história da humanidade. Somos descendentes de reis e rainhas, deuses e deusas, com uma ancestralidade rica e repleta de saberes profundos por séculos desprezados pela imposição religiosa europeia, pelos povos ditos colonizadores, que expropriaram nossas referências negras sobre o discurso de superioridade branca.

Os conceitos de memória (Pollak, 1989, p. 04 e 1992, p. 2002) nos farão compreender melhor a ideia de identidade a partir da memória oral que orienta a construção dos mitos africanos, essa estrutura linguística, perpetuada na prática dos povos ancestrais e mantida na tradição religiosa candomblecista brasileira, onde o mito se personifica como referencial simbólico permanentemente construído no imaginário dos praticantes da religião e por seus desafios e dilemas, se mostrando para o conjunto da sociedade como reflexo das experiências de quem vive e pratica uma cosmovisão atualizada do mito (WUNENBURGER, 1994, p. 53), dialogando com a ideia

de como esse mito se origina, bem como sua função entre os indivíduos que reconhecem nessa estrutura valor de fé. O diálogo com Eliade (ELIADE, 1972, p. 20) tange a dimensão estruturalista da ideia do mito que orienta e organiza as dinâmicas relacionais, nas dimensões sociais e com o divino existente na visão religiosa do culto.

Os mitos que orientam minhas práticas de contação de histórias nas aulas e eventos culturais estão na obra “Lendas Africanas dos Orixás” (Verger, 1997). São 24 mitos que servirão de recurso e que refletirão temas relacionados à identidade negra no Brasil; aos saberes pertinentes à cultura africana e afro-brasileira; ao racismo religioso. O mito age como referência cultural que dialoga com outros arquétipos culturais religiosos (Prandi, 2017), como resultado da diáspora negra no período dos ataques colonialistas europeus.

Como proposta interpretativa buscamos:

1) Apresentar como a experiência do conhecer os mitos de origem africana podem influenciar na vida e na prática educacional de profissionais de diversas áreas, partindo da experiência do proponente do projeto até vários profissionais de diversas áreas na pluralidade dos estados Brasileiros.

2) Apresentar através da autobiografia a construção de vida do proponente do trabalho como maneira de construir uma relação de identidade com o leitor através do exercício da memória de sua própria história.

3) Falar sobre o processo de autoconhecimento para desvendar a realidade a partir de conceitos religiosos, antropológicos, educacionais e culturais na formação de uma identidade antirracista dentro da esfera religiosa e conseqüentemente social.

4) Desenvolver uma reflexão do dialogo existente entre os mitos sagrados na religião de matriz africana, no caso o candomblé Ketu, e os diversos ambientes e componentes da educação básica, frente às experiências de contação de histórias desenvolvidas por mim.

5) Estabelecer um diálogo entre as diversas manifestações religiosas brasileiras a partir da reflexão e diálogo entre suas estruturas mitológicas, enfatizando principalmente a relação existente com o cristianismo, por sua expressividade entre a maioria dos alunos.

Por último faço uso do conceito de racismo religioso. Segundo Flor do Nascimento:

“O que incomoda nas religiões de matrizes africanas são exatamente o caráter de que elas mantenham elementos africanos em sua constituição; e não apenas em rituais, mas no modo de organizar a vida, a política, a família, a economia etc. E como o histórico racista em nosso país continua, mesmo com o fim da escravidão, tudo o que seja marcado racialmente continua sendo perseguido. Por isso, penso que a expressão “intolerância religiosa” não é suficiente para entender o que acontece com as comunidades que vivem as religiões de matrizes africanas, pois não é apenas o caráter religioso que é recusado efetivamente nos ataques aos nossos templos e irmãos/os que vivem essas religiões. É exatamente esse modo de vida negro, que mesmo que seja vivenciado por pessoas não negras (...). Não se trata de uma intolerância no sentido de uma recusa a tolerar a diferença marcada pela inferioridade ou discordância, como podem pensar algumas pessoas. O que está em jogo é exatamente um desrespeito em relação a uma maneira africana de viver, (FLOR DO NASCIMENTO, 2016, p. 15)

CONSEQUÊNCIAS DA UTILIZAÇÃO DOS MITOS.

Os textos referenciados na oralidade africana trarão luz para o entendimento do universo simbólico religioso e cultural, como parte da identidade do homem negro trazido da África, e servirão como base para construção da ideia aqui refletida de identidade, ancestralidade e racismo religioso. Esses textos utilizados em minha prática educacional levam ao conhecimento sobre essa literatura, revelando através de seus conteúdos o entendimento sobre a cultura negra. Tais reflexões são um estudo breve, porém dialogam com o reflexo social dos que produzem a realidade profissional, educacional e cultural do país, tendo em vista a diversidade possível de participação neste espaço.

Devem ser vistas através do todo percorrido os discursos referentes às potencialidades presentes nas reflexões realizadas sobre os mitos, para perceber e orientar suas capacidades de qualificar a ideia do homem e da mulher negra na construção de uma identidade que valoriza o olhar sobre si. Os mitos, em suma, devem

ser vistos como capazes de produzir uma autoimagem pra população negra, onde ela se veja aquém da limitação colonialista, numa perspectiva germinadora da ideia de antirracismo e desconstrutivista do racismo religioso, impetrado sobre os símbolos religiosos presentes no candomblé brasileiro e que compõem o imaginário simbólico descrito nos mitos.

A contação de histórias é apresentada como linguagem passível de ser usada didaticamente em distintas perspectivas, desde a educação doméstica até sua utilização em espetáculos ou sala de aula, mostrando que através da sua prática profissional, tanto como educador da disciplina de ensino religioso no sistema educacional do estado do Pará ou como contador de histórias em suas práticas dentro do território nacional, a mitologia africana ao ser acessada pode favorecer uma leitura de mundo capaz de orientar uma visão menos racista do homem negro sobre suas referências ancestrais, bem como uma imagem que qualifique de maneira valorativa a imagem de identificação e referenciamento do homem e da mulher negra e ainda combater o racismo estrutural presente em nossa sociedade.

A experiência profissional que apresento deve servir como exemplo metodológico e intelectual para outros profissionais que acessem esse conteúdo e que busquem um modelo para a aplicabilidade dos saberes mitológicos abordados pelas práticas que desenvolvo em minhas múltiplas vivências profissionais, professor e contador de histórias.

É imperativo trazer ao debate, a luz das Ciências da religião, os símbolos presentes nos mitos africanos para um diálogo antirracista, onde o racismo religioso é pautado por uma análise histórica decolonialista (Fenon, 2007) no qual os saberes existentes nas estruturas mitológicas analisadas recebem uma leitura não eurocêntrica, proporcionando uma leitura que valoriza a visão de mundo em suas dimensões literárias, culturais, de identificação com a memória do povo negro bem como a construção de um olhar sobre a identidade negra a partir de saberes ancestrais do homem negro sobre si mesmo; facilitar o acesso e o entendimento da mitologia de origem Iorubana, desqualificando os medos frutos do racismo religioso, presente em uma leitura judaico-cristã-americanizada predominante e refletida a partir da experiência de vida do autor.

POR FIM.

No século XXI ainda somos tomados por notícias que revelam e denunciam práticas racistas em nosso país, o Brasil precisa entender como funciona e como combater o racismo, antes considerado velado, denunciado pelo entendimento e reconhecimento de suas existências nas estruturas sociais do nosso país e que se reflete por todo continente e demais localidades, orientado pela leitura ocidental espalhada pelo mundo. Nossa análise do micro, do pessoal, espera servir de referência para o entendimento do global, haja vista que somos fruto de um processo histórico e formação cultural muito similares.

Referências bibliográficas.

ALBERTI, Verena. Literatura e Autobiografia: a questão do sujeito na narrativa. Estudos Históricos 7: viagem e narrativa. Vol. 4, nº 7, PP 66-81, julho, 1991.

BRANDÃO, Ana Paula. Um Olhar Sobre a Diversidade. GOMES, Nilma Lino. Educação, Relação étnico-raciais e a Lei 10.639/03: breves reflexões. INOCÊNCIO, Nelson Olokofá. Sujeito, Corpo e Memória. LIMA, Mônica. Como Os Tantãs da Floresta: Reflexões sobre o ensino de história da África e dos africanos no Brasil. *In*: BRANDÃO, Ana Paula;

MEC. Censo da educação superior - Ministério da Educação (mec.gov.br)

COSTA, Keydson. O Pensamento Africano No Ensino Religioso: a epistemologia africana numa breve leitura sobre o candomblé iorubano. 2009. TCC, graduação.

ELIADE, Mircea. Mito e realidade. São Paulo, Perspectivas, 1972.

FANON, Frantz. Os condenados da terra. Lisboa, Ulisseia, 1965.

_____, Frantz. Pele negra, máscaras brancas. Salvador, EDUFBA, 2008.

FLOR, WANDERSON. O Fenômeno do Racismo Religioso: Desafios para os Povos Tradicionais de Matrizes Africanas. *In*: *Revista Eixo – Especial Educação, Negritude e Raça no Brasil*. Brasília –DF, v.6, n.2, Novembro de 2017.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido, 17ª Ed..Rio de Janeiro, Paz e terra, 1987.

HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

Lei 10.639/2003, de 9 de janeiro de 2003. Altera a **Lei nº 9.394**, de 20 de dezembro de 1996. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212

_____. Memória, Esquecimento e Silêncio. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, vol. 2. n. 3, 1989, p. 3 - 15

SODRÉ, Muniz. Pensar Nagô. São Paulo: Vozes, 2017.

WUNENBURGER, Jean-Jacques. Mytho-Phorie: Formes Et Transformations Du Mythe. RELIGIOLOGIQUES, no 10, automne 1994, pp. 49-70